

Adeus a um irmão no Dhamma

por S.N. Goenka Que extraordinário! Falando com sua costumeira voz macia, o doutor Om Prakash repetia: “É realmente extraordinário. Tenho visto morrer muita gente, mas nunca desse modo”. Se referia à minha tia e mãe adotiva, Rami Devi. Verdadeiramente, sua enfermidade e morte foram extraordinárias. Aos 75 anos, uns 15 dias antes de sua morte, estava falando com Illaichi Devi (Mataji) e lhe comentou que durante alguns meses esteve sentindo constantemente dor em seu abdômen. Era capaz de suportar e permanecer equânime, mas mencionou como algo passageiro. Imediatamente chamei nosso médico e amigo íntimo, o doutor Om Prakash, que tinha se convertido em um membro inseparável da família. Examinou minha mãe e, levando-me à parte, disse: “Pode ser câncer de fígado. Todos os sintomas apontam claramente para esse diagnóstico, exceto um: nesses casos a dor é intolerável e o paciente passa o tempo gritando e chorando. Ninguém pode suportar uma dor desse tipo de câncer durante meses, sem sequer mencionar a alguém. Inclusive agora a sua mãe está tão repleta de paz. Tenho que investigar mais.”



Dois dias depois, o doutor Om Prakash veio com o coronel (médico) Min Sein, um conhecido médico de Rangún. Depois de examinar minha mãe, o coronel disse o mesmo: “Todos os sintomas sugerem um câncer em estado avançado. Mas a paciente está muito tranquila e sem qualquer tipo de angústia. É difícil aceitar que esteja padecendo de câncer. Faremos mais alguns exames antes de fazer o diagnóstico.” Depois que eles se foram, Illaichi Devi perguntou à minha mãe: “Como é a dor que sente?” A resposta nos deixou a todos atônitos; minha mãe disse: “É pior que as dores de parto. Mas que sentido tem gritar? Observo a dor com equanimidade. Ao fim e ao cabo, não é isso o que nos ensinou a fazer Guruji Sayagyi U Ba Khin? Minha mãe era uma excepcional meditadora de Vipassana. No centro de meditação do meu reverenciado professor, somente se organizava um curso de 10 dias por mês, que começava na primeira sexta-feira do mês. Desde que começou a trilhar o caminho de Vipassana, seis ou sete anos atrás, não houve um só curso de que minha mãe não tivesse participado. Precisamente, acabava de terminar um curso especial de 30 dias. Sua equanimidade havia se estabelecido tão bem, que não havia possibilidade de que se desfizesse em lamentos. Depois de alguns exames, ambos os médicos concluíram que definitivamente se tratava de câncer e que tinha avançado a um estado terminal. Opinaram que para minha mãe somente restavam uns poucos dias de vida. Qualquer tratamento lhe seria inútil e somente se conseguiria aumentar o sofrimento. Não obstante, continuariam com o tratamento para aliviar a dor. Na sua última noite, às três da madrugada, minha mãe disse à enfermeira que se aproximava a hora da sua morte e pediu que chamasse os seus

filhos. Todos nós fomos ao seu quarto. Eu telefonei imediatamente ao doutor Om Prakash. Ainda não se havia ido dormir. Fazia somente duas horas que lhe haviam chamado para ir visitar outro doente, que estava morrendo. Ainda assim, veio a seguir. Também chamei Sayagi e por sorte ele também veio, junto com Mãe Sayama. O Dr. Om Prakash a examinou e não encontrou o pulso. À minha mãe só restavam uns poucos minutos. Pouco antes de morrer, disse: “Quero sentar-me”. O doutor Om Prakash a advertiu que não o fizesse, dizendo: “É melhor para ela que se mantenha estirada. Caso se sente, a dor vai piorar.” Mas minha mãe insistiu. Eu, entendendo isso como seu último desejo, a segurei para que pudesse fazer o que desejava. Ante nossa perplexidade, fez o esforço de sentar-se com as pernas cruzadas e começou a meditar. Na verdade, este era um notável esforço no Dhamma. Poucos minutos antes, não se podia detectar seu pulso e agora estava sentada meditando com as pernas cruzadas! Para reforçar sua decisão em meditar, eu disse: “Taima, ‘anaissa, anaissa’ – tia/mãe, anicca, anicca.” Pronunciando a palavra, tal qual o faziam na Birmânia. Então ela alçou sua mão direita e, tocando a parte superior da testa, disse: “Sim, filho, anaissaa, anaissaa”. Então abaixou sua mão. Me olhou, olhou o doutor Om Prakash, a Sayagi e a Mãe Sayama e logo olhou para cima e respirou pela última vez. A visão de tal morte deixou atônito o doutor Om Prakash. Eram 4h20 da madrugada, o corpo da minha mãe foi tirado da cama e depositado no chão, conforme os costumes indianos. Tínhamos de esperar que os demais chegassem, antes de poder celebrar o funeral. Os familiares que viviam em Rangún e outros membros da comunidade chegariam pelas oito e meia da manhã. Enquanto isso, todos nós, incluindo o doutor Om Prakash, permanecemos em um salão muito perto do quarto. Continuamos falando dessa morte tão inusitada. Finalmente, se aproximavam as oito e meia, hora em que devíamos proceder à incineração. Antes de colocar o corpo no caixão, devia ser lavado e vestido com roupas novas. Illaichi Devi foi ao quarto da minha mãe para fazer essa tarefa, mas voltou em seguida e nos surpreendeu a todos dizendo que minha mãe estava ainda viva. O doutor Om Prakash disse: “Como pode ser?” Illaichi Devi nos explicou que o corpo de minha mãe estava ainda mole e quente, que não parecia em nada com um cadáver. Todos nós fomos ao quarto de minha mãe com o doutor Prakash. Examinou o corpo cuidadosamente e disse que era verdade que minha mãe não estava viva, mas também era verdade que todo o corpo estava ainda quente. Seu rosto estava excepcionalmente tranquilo e iluminado por um resplendor divino. Parecia como se estivesse afundada em um profundo sono. E esse foi um momento no qual o doutor Om Prakash exclamou: “Que extraordinário!” Não havia dúvida de que estava morta, mas que maravilha era essa? Não encontrei palavras para expressar. Celebramos o funeral e voltamos para casa. Todos em nossa família eram meditadores de Vipassana e, portanto, ninguém chorou. Eu meditava a maior parte do tempo para manter uma atmosfera de Dhamma. No começo da tarde, todos os meditadores de Vipassana da cidade se reuniram para fazer uma sessão sentada, de uma hora, em grupo. Também estavam presentes Sayagi e Mãe Sayama. Depois dessa hora, outros membros da comunidade que não eram meditadores Vipassana vieram. E com a permissão de Sayagi, proferi uma palestra de Dhamma de uma hora de duração. Imediatamente depois, o doutor Om Prakash veio me ver e me disse que desejava participar como aluno de um curso. “Diga-me quando será realizado o próximo curso”, me pediu. Havia um programado para acontecer dali a 15 dias. Garanti que o informaria com suficiente antecipação. No dia seguinte houve outra palestra de Dhamma pela tarde; outra vez, ao final, o doutor Om Prakash veio me ver e me disse: “O próximo curso não vai ser realizado logo, desejo sentar-me o mais rápido possível”. Sayagi estava perto e, vendo o forte impulso de Dhamma que havia surgido no doutor Om Prakash, providenciou a organização de um curso imediatamente. Nos surpreendeu muito que Sayagi ministrasse um curso somente para uma pessoa, mas me pediu que fosse ao centro de meditação com o doutor Om Prakash no dia seguinte. No dia seguinte, o doutor Om Prakash foi ao centro de meditação por si mesmo. Eu cheguei a tempo e outras duas pessoas se uniram ao curso. Depois de dar Anapana, voltei para casa e Sayagi

ao seu escritório. Como sempre, voltou pela tarde e depois veio à minha casa para a meditação em grupo. Ao finalizar a palestra de Dhamma, Sayagi me explicou que o doutor Om Prakash estava fazendo grandes progressos. Eu fiquei muito satisfeito de ouvir



isso.

Na manhã seguinte recebi uma chamada de Sayagi: “Seu amigo é dotado de abundantes paramis. Depois de somente um dia de Anapana, está preparado para Vipassana. Venha imediatamente, tem de dar Vipassana agora mesmo.” Fui ao centro para a aplicação de Vipassana ao doutor Om Prakash e, pouco depois, voltei para casa. Sayagi veio outra vez para a meditação e palestra da tarde. Estava muito feliz, dizendo que depois de somente um dia de Vipassana, o doutor Om Prakash havia alcançado o estado de bhanga (dissolução) e, agora, estava em um nível muito profundo. Na manhã seguinte ele me chamou outra vez e disse: “Venha em seguida. O progresso do seu amigo é extraordinário. Parece que tem abundantes paramis de várias vidas. Alcançou um estado próximo ao nibbana. Tem que dar agora mesmo as instruções necessárias.” Abismado por essa alegria tão grande e por esse prodígio, me dirigi ao centro e tomei meu assento junto a Sayagi. Ao doutor Om Prakash foram dadas as instruções precisas. Minha felicidade não tinha limites quando ele, imediatamente, experimentou o nibbana, o estado que transcende as sensações. Sayagi também estava feliz. O examinou de perto e encontrou todos os sinais que indicavam que se

encontrava em estado de nibbana. Minha felicidade não tinha limites! Meu querido amigo havia entrado na corrente da libertação, havia se convertido em um sotapanna, em um ariya (uma pessoa nobre). Meu primeiro contato com o doutor Om Prakash foi em uma reunião pública em Rangún depois da II Guerra Mundial, em 1947. De imediato nos sentimos mutuamente atraídos. Felizmente, os amigos com os quais me relacionava socialmente eram boa gente e mantinha boas relações com todos eles. Mas de todos eles, o doutor Om Prakash era o mais chegado. Trabalhamos juntos em várias áreas. No período pós-guerra restabelecemos a Sociedade de Literatura Hindi da Birmânia e outras ramificações que retomaram em vários pontos do país. Cada semana, em Rangún, organizava-se um simpósio sobre literatura hindi. A sociedade estabeleceu colégios em hindi, onde se ensinavam os níveis de estudo primário, secundário e superior, e muitos estudantes recorreram a eles. Também se realizaram trabalhos de intercâmbio entre a literatura hindi e birmana. Escreveram e publicaram livros de textos em hindi, se estabeleceu um Centro Cultural Hindi-Birmano e, por meio dele, se organizaram vários atos culturais. Ambos fundamos conjuntamente um orfanato e nos encarregamos da sua gestão. Desse modo, depois de trabalhar juntos em várias atividades para o serviço público, agora tínhamos a oportunidade de dedicar-nos ao campo de Vipassana. Também, o doutor Om Prakash me tratou das minhas enxaquecas. Quando todos os outros medicamentos se mostraram ineficazes, começou me dar injeções de morfina. Mas lhe preocupava o efeito, de que pudesse me converter em um viciado em morfina e me incentivou a ir ao exterior, buscar um tratamento. “Ainda que não possa curar-se de suas enxaquecas”, disse, “pelo menos você se livraria de sua dependência de morfina. No exterior seguramente encontrará outros calmantes eficazes.” Seguindo seu conselho, viajei ao exterior procurando tratamento, mas ao final voltei desanimado. O doutor Om Prakash compartilhava minha preocupação. Consequentemente, quando me uni a um curso de Vipassana e me vi livre de minha enfermidade, ele compartilhou minha felicidade. Porém, quando comecei a assistir com regularidade aos cursos, a meditar diariamente e a participar nas meditações em grupo no centro, cada domingo, lhe preocupava que pudesse me converter em um budista, em um ateu. Frequentemente, com carinho, tentava dissuadir-me. Eu costumava explicar: “Graças à profunda influência de Arya Samaj [um movimento de reforma hindu – nota do editor], não posso ficar preso em nenhuma fé cega. Tenho examinado os ensinamentos de Buda de um modo objetivo, baseando-me na verdade experimentada e tenho visto que é completamente livre de defeitos. Durante séculos, condicionamentos errôneos levaram as pessoas da Índia a recusar os impecáveis ensinamentos de Buda. Eu mesmo fui vítima dessa falsa propaganda. Mas agora sei, por experiência, que não existe nenhum rastro de mácula em seus ensinamentos. Me assombra o fato de que esta técnica procedente da Índia, tão pura e valiosa, tivesse sido perdida em seu país de origem.” Não sei que efeitos tiveram minhas palavras sobre ele, mas depois da morte de minha mãe, suas imensas paramis despertaram e se dedicou para sempre a esta técnica. Fui à Índia em 1969 e começamos a dar cursos lá. Porém, o doutor Om Prakash ainda esteve uns anos mais em Myanmar. Ainda que passasse por experiências extremamente dolorosas, em sua mente não havia nenhum gosto de amargura. Inclusive não informou sobre a má conduta de alguns oficiais ao presidente do país, de quem fora companheiro de classe na escola. Sua mente continuava repleta de metta e equanimidade. O Vipassana era seu baluarte. Já antes era de natureza calma e estável. Agora, com Vipassana, era ainda mais. Depois de alguns anos veio à Índia e se comprometeu com atividades de Vipassana. Havia sido um dos mais prestigiados médicos em Myanmar, porém, devido à sua natureza generosa, havia exercido a medicina com espírito de serviço. Não cobrava os preços estabelecidos, mas aceitava satisfeito o dinheiro que o paciente lhe oferecia depois que recuperasse a saúde. Não costumava cobrar dos pacientes pobres. A muitos, até mesmo, dava remédio grátis. Esta era sua disposição natural. Antes de vir à Índia, cada vez que ia a Délhi, servia com regularidade duas horas diárias na clínica gratuita

Arya Samaj; o resto do tempo dedicava ao serviço de Vipassana. Aliás, aos 87 anos, viajou a diferentes lugares e conduziu cursos com um entusiasmo incansável, ultrapassando os mais jovens. Viajou ao estrangeiro em diversas ocasiões. Recentemente voltou a visitar a América para conduzir numerosos cursos. Seu itinerário o levou até Los Angeles, a parada seguinte foi em Kansas City e depois fez cursos em Dhamma Kuñja (perto de Seattle) e Dhamma Siri (perto de Dallas). Porém, quando estava em Los Angeles, sofreu uma apoplexia. Quando foi levado ao hospital, explicou seu estado ao médico que o atendia, com completa lucidez, mas enquanto o fazia entrou em coma. Esteve durante vários dias na unidade de cuidados intensivos, nesse estado. Quando isso se passou eu estava fazendo uma rota do Dhamma pelo Sudeste Asiático. Ao chegar a Singapura recebi a notícia de sua enfermidade. Telefonei e lhe enviei metta, mas seu genro, o doutor Soni, que estava com ele, disse que não havia nenhum sinal físico pelo qual se pudesse dizer que a metta era eficiente. Ele disse: “Seu cérebro não funciona para nada e, portanto, nenhum órgão sensorial está funcionando.” Me angustiou muito ouvir isso. Mas, poucos minutos antes de morrer, pareceu que recuperava o sentido da audição. Perto dele colocávamos continuamente fitas com dohas e palestras do Dhamma. Seu filho, o doutor Rajiv, disse que pouco antes de seu fim seus olhos se abriram ligeiramente, seus lábios se moveram um pouco e parecia estar olhando algo que havia no alto. Então, sua respiração começou a ficar mais lenta, somente nove vezes por minuto. Sua respiração foi ficando gradualmente mais lenta, até que realizou a última, repleto de paz. Seu rosto brilhava com um resplendor divino. Por isso, chegamos à conclusão de que sua consciência interna havia estado presente durante todo esse tempo, mas era incapaz de realizar qualquer movimento físico, ainda que houvesse querido fazer. No final aflorou sua fortaleza de Dhamma, seus olhos se abriram e seus lábios se moveram, prova de que sua consciência interna estava desperta. Quando voltei a Mumbai depois de uma longa viagem de Dhamma por sete países, vi que, entre um monte de papéis que me esperavam, se encontrava uma carta que me havia escrito em 26 de agosto. Nela me descrevia sua viagem a Los Angeles, me dava detalhes dos futuros cursos e me pedia metta. Seu serviço ao Dhamma era o mais eficaz. Alguns centros de Vipassana ansiavam organizar cursos conduzidos por ele. Também na América as pessoas o esperavam com uma grande expectativa. Mas no meio da viagem se foi e conseguiu uma promoção importante. Estava sendo aguardado. Depois de ler sua carta soltei um profundo suspiro e, espontaneamente, me vieram estas palavras: *Bade gour se sun raha tha zamana. tumhi so gaye dastan kahte kahte!* O mundo estava escutando muito atentamente, mas você adormeceu enquanto narrava a história! A família mundial de Vipassana cresce dia a dia, mas meus irmãos em Dhamma vão diminuindo em número. Quantos ficamos agora dos que recebemos o ensinamento diretamente de Sayagyi U Ba Khin? Este irmão em Dhamma levou ao cabo sua missão: “Anta samaya taka dharma ki, seva hoti jaya; permita-me servir ao Dhamma até meu último momento.” Fui extremamente afortunado de ter tal irmão em Dhamma. O ideal que o doutor Om Prakash estabeleceu para todos os meditadores de Vipassana e professores servirá como um farol no futuro. Esta inspiração trará bem-estar e felicidade a muitas pessoas. A Índia recuperará sua antiga glória e dignidade, conduzindo o mundo inteiro até uma grande prosperidade.